



“Wolf Man rapidamente se instala em um medo sombrio e curiosamente sem imaginação.”

Prós

- Alguns floreios elegantes
- O prólogo é promissora e ameaçador

Contras

- A imagem está subiluminada
- As performances são planas
- Não é assustador nem emocionante

Stanley Kubrick filmou as famosas cenas internas de seu luxuoso drama de fantasias *Barry Lyndon* à luz de velas. Para não ficar para trás, o cineasta australiano Leigh Whannell fez agora um filme de monstro que muitas vezes parece ter sido filmado apenas pelo brilho da lua. Ok, então nosso grande satélite no céu provavelmente não está *na verdade* o que ilumina o lobisomem de *Homem Lobo* pai e marido que - como o zelador do hotel mal-assombrado de Kubrick - ataca ferozmente sua família no isolamento da floresta. Mas uma fonte de luz estritamente lunar explicaria por que é tão difícil distinguir o que acontece neste filme. O abandonado Dark Universe vive através da escuridão das imagens de Whannell. Ore para que seu multiplex local ligue as lâmpadas do projetor na configuração mais brilhante possível.

Embora diminuir as luzes seja uma estratégia comum para obscurecer efeitos não tão especiais - você não pode zombar do que não pode ver! - *Homem Lobo* não tem nada a esconder nesse departamento, pelo menos por enquanto. O trabalho de maquiagem usado para transar lentamente com Christopher Abbott é convincente o suficiente em suas pontas afiadas e tufos rastejantes. A maior parte do filme se passa em uma fazenda isolada em Oregon - a casa de infância para a qual Blake Lovell, de Abbott, retornou para resolver os assuntos de seu pai, desaparecido há muito tempo e finalmente dado como morto. Depois de ser mordido por algo peludo no caminho, Blake começa a mudar, para grande terror de sua

esposa, Charlotte (Julia Garner), e de sua filha, Ginger (Matilda Firth).

Será que todos os homens se tornam pais com o tempo, tão certo quanto ganham cabelo onde antes não havia cabelo? Blake herda mais do que uma propriedade precária do pai, assim como esta *Homem Lobo* herda problemas com o pai de seus antecessores, o clássico de 1941 estrelado por Lon Chaney e a versão de 2010 estrelada por Benicio del Toro. Aqui, a licantropia é uma metáfora para o mau humor. Vemos isso no prólogo, uma viagem de caça sinistra que estabelece a intensidade parental opressiva que Blake suportou e absorveu quando menino. Cortamos para os dias atuais, e ele é um esperto e esperto da cidade, com um enorme urso de pelúcia em uma pata e a de sua filha na outra. Mas ele descobre que o ciclo da masculinidade taciturna não é tão facilmente quebrado.



Matilda Firth e Julia Garner em *Homem Lobo* Imagens Universais / Imagens Universais

A configuração é promissora, dramática e atmosférica. E então a família chega àquela casa velha e o filme se transforma em um clima curiosamente sem imaginação. Esse *Homem Lobo* é como um rascunho de si mesmo, obscuro em mais do que apenas em seu visual. Whannell citou a obra-prima pegajosa de David Cronenberg *A mosca* como inspiração para suas cenas de mutação confusa - o desprendimento de unhas e dentes que marcaram o ano passado *A substância* como mais um fruto desse marco de terror corporal dos anos 80. Mas *Homem Lobo* não é grosseiro nem humano o suficiente para merecer a comparação. Isso não nos torna queridos pelo pobre e doente Blake como Cronenberg fez por Jeff Goldblum. Não conhecemos realmente o homem por trás do lobo.

Os atores parecem tão perdidos quanto seus personagens. Whannell, retornando ao cenário único, ao prazo apertado e à tensão claustrofóbica de seu roteiro de estreia para

Serranunca lhes dá espaço para se transformarem em pessoas multidimensionais. Porque *Homem Lobo* trata a licantropia como uma viagem só de ida - não há retorno angustiado ao estado humano, nem espera em pânico pelo nascer da próxima lua - Abbott basicamente desaparece em suas próteses, privado de tudo, exceto os mais tênues vislumbres de consciência discernível. E raramente Garner pareceu tão desconectado de um papel; seu pavor era mais denso e mais credível em *O Hotel Real* onde ela interpretou uma mulher afastando uma raça menos sobrenatural de predador masculino perseguidor.



Christopher Abbott em *Homem Lobo* Imagens Universais / Imagens Universais

Você assiste *Homem Lobo* e me pergunto como isso poderia vir do mesmo cineasta que atualizou de forma tão emocionante outro Monstro Universal para a tela grande. Seu último filme, *O Homem Invisível* era inteligente, assustador e atual - um filme de terror pipoca que transformou a ameaça translúcida do título em um avatar da misoginia do tech-bro. (Que assustadoramente fortuito que esta história de um abusador rico e abusador de gás tenha surgido das cinzas de um veículo de Johnny Depp.) Seu *Homem Lobo* não é desprovido de ideias, mas a sua reflexão sobre como a proteção paterna pode transformar-se da noite para o dia numa tirania autoritária nunca assume uma forma especialmente coerente. E há apenas flashes rápidos do virtuosismo de Whannell como artesão, como um acidente de carro que prende a câmera a um SUV tombado, ou a maneira como o diretor visualiza a deterioração mental de Blake como um reino fantasma de vozes distorcidas e névoa etérea.

É como se Whannell nunca tivesse entendido o filme ou realmente tivesse ido além de seu esboço básico de um filme de terror sobre linhagem, paternidade e doenças terminais. A impressão incômoda de incompletude também se aplica ao design do monstro em estágio final. Cada imagem de lobisomem que vale seu peso em prata nos dá uma boa cena de



transformação, mas no final da transformação de Abbott, que muda os nós dos dedos e distende a mandíbula, em um vira-lata sarmento, você fica com algo muito masculino e memorável. *Esse é o Homem Lobo da lenda? O de Chaney também era mais assustador e elaborado. A besta aqui parece meio concebida, assim como seu filme, uma criatura um tanto monótona e sombria, aparentemente presa no estágio crescente de seu desenvolvimento.*

Homem Lobo agora está em exibição nos cinemas de todos os lugares. Para mais textos de AA Dowd, visite sua [Página de autoria](#).